

NA ESTANTE



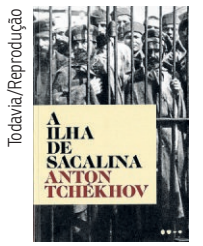
O MUNDO QUE NÃO PENSA — A HUMANIDADE DIANTE DO PERIGO REAL DA EXTINÇÃO DO HOMO SAPIENS DE FRANKLIN FOER. EDITORA LEVA. 240 PÁGINAS. R\$ 28.

O autor traça a história da computação o Iluminismo e René Descartes até Alan Turing, pai da ciência computacional. Ele revela bastidores dos avanços tecnológicos que tem mudado drasticamente os hábitos das sociedades humanas.



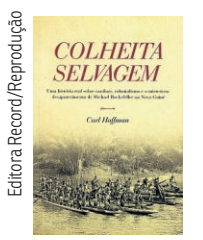
HERANÇA — COMO OS GENES TRANSFORMAM NOSSAS VIDAS E COMO A VIDA TRANSFORMA NOSSOS GENES DE SHARON MOALEM. EDITORA ROCCO. 368 PÁGINAS. R\$ 44.

O cientista e médico Sharon Moalem propõe um mergulho no mundo da genética para descobrir como grande parte do mundo funciona. Nesse sentido, o autor descobre que muito do que sabemos sobre a genética — e o seu poder — a verdade é só senso comum. E o melhor: tudo com uma linguagem acessível e compreensível.



A ILHA DE SACALINA DE ANTON TCHÉKHOVE. EDITORA TODAVIA. 461 PÁGINAS. R\$ 51.

O livro apresenta a visão do médico Anton Tchekhov, que aos 30 anos, em 1890, decide largar tudo para ir conhecer a ilha-presídio de Sacalina, nos confins da Rússia. O relato, bruto e direto, mostra como as condições eram semelhantes a um inferno, cercado de desumanidade e abandono.



COLHEITA SELVAGEM — UMA HISTÓRIA REAL SOBRE CANIBAIS, COLONIALISMO E O MISTERIOSO DESAPARECIMENTO DE MICHAEL ROCKEFELLER NA NOVA GUINÉ DE CARL HOFFMAN. EDITORA RECORD. 362 PÁGINAS. R\$ 59.

O livro é uma reportagem viva que o jornalista Carl Hoffman faz sobre o desaparecimento de Michael Rockefeller — filho do então governador de Nova Iorque — em uma expedição desastrosa para Nova Guiné em 1961. Enquanto a versão oficial dizia que o homem de 23 anos teria morrido afogado, rumores apontavam que na verdade Michael foi vítima de um ritual canibalista.



OS VELHOS SÃO OS OUTROS DE ANDRÉA PACHÁ. EDITORA INTRINSECA. 208 PÁGINAS. R\$ 34.

A autora (e juíza) Andréa Pachá apresenta uma seleção com 38 crônicas e o recheio principal são os personagens idosos únicos. Entre um casal que descobre o amor após os 70 anos e outro que tem dificuldade com a superproteção dos filhos, a ideia é mostrar que existe muito mais na terceira idade que a grande maioria pressupõe.

Quinto livro de Bela Gil ensina a evitar o desperdício e a aproveitar quase 100% dos alimentos: sustentabilidade e saúde são o foco da autora

As raízes de Bela

» NAHIMA MACIEL

Bela Gil gosta de fazer contos. Com os números na ponta do lápis, pode ser mais fácil convencer as pessoas. Pensando assim, ela pede que se considere o preço e o peso de um melão. Cinquenta por cento da fruta equivale à casca. Se o quilo do melão custa R\$ 5, então R\$ 2,50 vão parar no lixo após o consumo da polpa. O mesmo vale para boa parte de frutas, verduras e legumes. É um problema cultural com o qual a chef decidiu lidar em *Bela Cozinha: da raiz à flor*, quinto livro da autora e primeiro no qual fala do desperdício dos ingredientes utilizados na cozinha.

O livro é um projeto antigo. “Surgiu a partir da última temporada do programa”, avisa a ativista e apresentadora, que toca, no canal GNT, o programa *Bela cozinha*. “Depois de 10 temporadas, queria falar sobre o desperdício de alimento, que é um problema que acontece na cadeia inteira.” Segundo a autora, na cadeia normal de consumo, o desperdício é, em média, de 30%. No caso de legumes e verduras, pode chegar a 50%. O problema vem desde a produção, no campo, e se estende ao ambiente doméstico. Em casa, Bela calcula que um terço do que se compra acaba na lata de lixo.

Boa parte da culpa, a apresentadora aponta, é do consumidor. E vem de uma cultura que vai além da cozinha, da mesa e do supermercado. “É uma questão cultural, por isso acho que fazer o livro, ter um programa e falar sobre isso pode ajudar nessa mudança cultural. Muita gente torce o nariz, mas a gente tem receitas muito gostosas e saudáveis, então não tem por que não usar”, garante. Ela tem consciência de que, para convencer o público a embarcar no uso de cascas, sementes, raízes, flores e folhas tradicionalmente descartados, é preciso provar que isso pode ser saboroso e, até, mais barato. E também que esse tipo de prática é saudável para o meio ambiente, embora Bela saiba que, para boa parte das pessoas, esse detalhe está em segundo plano. “É isso, só experimentando. Pena que falta iniciativa dos poderes públicos para implementar

DUAS PERGUNTAS

Bela Gil

A dificuldade em aceitar o aproveitamento de restos é um reflexo da maneira como consumimos de maneira geral?

A gente está muito focado em padrões de consumo relacionados à estética, à beleza. O desperdício também acontece, muitas vezes, porque o alimento não está perfeito, a maçã não está redonda ou o tomate lisinho e os alimentos são vistos como imperfeitos e não dentro do padrão. A gente precisa mudar o nosso olhar sobre o que é beleza e padrão de consumo. Acho que tem esse padrão da beleza que acaba dificultando aceitar. É um reflexo da nossa cultura, a mulher tem que nascer dentro de uma forma X pra ser aceita, e isso está errado.

Tem muito preconceito?

Tem preconceito, mas a mudança tem que ser estrutural, a gente tem que mudar em todos os setores, por isso educação alimentar é tão importante, fazer a criança entender de onde vem a comida, que tem vários padrões. Porque mudar a cabeça de alguém que tá com a cabeça feita é mais difícil. Temos que ensinar as crianças.



BELA COZINHA — DA RAIZ À FLOR: UM NOVO OLHAR SOBRE OS INGREDIENTES DO DIA A DIA

De Bela Gil. Globo Livros, 136 páginas. R\$ 59,90

Daryan Dornelles/Divulgação



Bela Gil: desperdício pode chegar a 50% quando se trata de frutas, verduras e legumes

isso, por falta de conhecimento ou de vontade”, aponta.

O desperdício na cozinha é reflexo de um outro comportamento, mais amplo e que diz respeito ao consumo de forma geral. “A gente está muito focado em padrões de consumo relacionados à estética, à beleza. O desperdício também acontece, muitas vezes, porque o alimento não está perfeito”, diz Bela. No livro, ela lista 37 receitas nas quais talos, flores, sementes, cascas e folhas são os protagonistas e explica como o uso desses elementos pode baratear a alimentação.

Além do livro, Bela investe em várias ações para divulgar a alimentação saudável. Com o Instituto Socioambiental (ISA), ela trabalhou com merendeiras do alto Xingu para implementar a

farinha de babaçu na merenda escolar. Uma parceria com a Sociedade Mariana Brasileira ajudou a criar receitas vegetarianas para escolas públicas em São Paulo. “Hoje, mais de 2 milhões de crianças estão comendo de forma saudável nas escolas”, conta.

Há um ano sem gravar, Bela começou a trabalhar na próxima temporada do *Bela cozinha*. Depois de trocar Nova York pelo Rio de Janeiro, ela decidiu investir em estudar e fez um mestrado na Faculdade Slow Food, na Itália, em comida, cultura e mobilidade. Com o curso concluído, ela vai retornar à bancada do programa, mas ainda não revela como será o formato da nova temporada. “Ainda está muito no começo”, diz.

POESIA

Versos nascentes

» ANA ELISA RIBEIRO*

Algumas cidades e estados do Brasil contam com mecanismos que propiciam a publicação de obras de poetas em começo de carreira. As iniciativas podem ser particulares ou de coletivos engajados na produção cultural; outras vezes, são políticas públicas — ou de governo, na pior hipótese — que permitem o desengavetamento de livros que, não fossem tais iniciativas, talvez nunca aparecessem. O caso de Poesia Incrível, projeto de lançamento de primeiros livros de autores iniciantes, merece destaque. Uma parceria da pequena editora mineira Crivo e da produtora Sinergia com empresas privadas, por meio da modalidade de incentivo fiscal da Lei Municipal de Incentivo à Cultura, permitiu que nascesse, em 2014, uma coleção de livros de poesia de distribuição gratuita que já chega ao sexto volume.

Os contemplados pelo edital de 2018, após processo de seleção, foram a belo-horizontina Olívia Gutierrez e o fluminense residente em BH Neilton dos Reis. Nos dois casos, uma poesia consistente pode ser flagrada e, para nossa sorte, fora das gavetas.

Estar onde eu não estou, de Olívia Gutierrez, reúne 18 poemas, alguns em várias partes, e aborda temas como mudança, estar e não estar, o entrelugar. O poema *Montagem ou F for fake*, exemplifica: “Agora é janeiro de 2018/e tem 17 caixas no meu quarto/primeiro pensei em levar tudo comigo/mas me falaram que já que não sei como tudo vai ser/melhor deixar algumas coisas para trás/eu nunca tinha pensado que era possível/deixar algumas coisas para trás/não levar tudo comigo/escolher o que levar comigo/(deixar para trás não é a mesma coisa que apagar)”.

Olívia Gutierrez sabe por onde a caravana passa, é leitora, leitora de outras poetas, inclusive e principalmente

contemporâneas, e constrói uma linguagem poética muito presente e pulsante, carregada de certa melancolia e de temas inquietantes, tais como a infância e a memória.

Neilton dos Reis, em *Ano bissexto*, apresenta poemas, em sua maioria caudalosos, quase em prosa, em seis partes: “29 de fevereiro”, “registros de carnaval”, “listas”, “e-mails para o mês de agosto”, “primavera-versão ou hibiscos e jabuticabas” e “motivo para o atraso”. Cada uma apresenta, com alguma inexistência poética, o que nomeia. Neilton brinca com gêneros textuais ordinários, fazendo deles peças de alto teor poético, como é o caso das listas e dos e-mails. Promessas de ano novo/1. criar uma capa para esse caderno; 2. ficar tranquilo quanto ao

meu estado civil; 3. não me julgar quando eu surtar por conta do meu estado civil; 4. aprender a dançar como Domhnall Gleeson em *About time* na cena do casamento; 5. achar uma tintura que deixe meu cabelo parecido com o de Domhnall Gleeson; 6. lembrar de colocar os fones de ouvido na mala durante a viagem que disse que farei e parar de confiar nos fones de ouvido que são distribuídos nos aviões; 7. descer do avião com um lenço na cabeça reproduzindo a cena final de *O guarda-costas*; 8. parar de superestimar os planejamentos; 9. parar de subestimar as promessas que escrevo; parar um pouco/ (ps. ir ao médico ver aquela alergia).

A linguagem poética de *Estar onde eu não estou* é breve e reiterativa, enquanto em *Ano bissexto* o autor surpreende poetizando o que parece comum. Olívia tece poemas saídos de outros ou que contêm ou respondem a poemas anteriores,

já Neilton parece poetizar a passagem de um ano, quase em ordem cronológica, incomodando-se — e ao leitor — com a memória e o entrelugar. Viajar, sair e voltar são assuntos de ambos os livros, estando sempre mal resolvidos, coisa que na poesia pode ser bem positiva.

Das coisas que poetas precisam fazer, uma é justo dialogar com seu tempo, em especial com o que não desce macio e não é exatamente confortável. Tanto Olívia quanto Neilton têm essa sensibilidade. De fato, cabem na coleção Poesia Incrível, iniciativa sem a qual esses poetas e seus livros poderiam parecer adormecidos. Que bom que estejam despertos.

■ Ana Elisa Ribeiro é doutora em Letras, professora do Departamento de Linguagem e Tecnologia do Cefet-MG, poeta, autora de *Perversa* (Ciência do Acidente, 2002), *Anzol de pescar infernos* (Patuá, 2013), *Álbum* (Relicário, 2018), entre outros.

ESTAR ONDE EU NÃO ESTOU

De Olívia Gutierrez. Crivo Editorial. 64 páginas. Distribuição gratuita

ANO BISSEXTO

Neilton dos Reis. Crivo Editorial. 64 páginas. Distribuição gratuita



HALEY LU RICHARDSON
COLE SPROUSE

A CINCO PASSOS DE VOCÊ

É possível amar alguém que você nunca poderá tocar?

EM EXIBIÇÃO NOS CINEMAS

CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA
12 Tema sensível e conteúdo sexual
Não recomendado para menores de 12 ANOS